



Licenciatura em Espanhol

Teoria da Literatura I
Ana Santana Souza
Ilane Ferreira Cavalcante



Tecendo os Textos

Aula 15



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Diretor de Ensino a Distância da CAPES
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
JÁSSIO PEREIRA

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

TEORIA DA LITERATURA I

Aula 15
Tecendo os Textos

Professor Pesquisador/conteudista
ANA SANTANA SOUZA
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Direção da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS SANTOS

Revisão Linguística
ELIZETH HERLEIN

Coordenação de Design Gráfico
ROSEMARY PESSOA BORGES

Diagramação
HERBART MUNIZ DE AZEVEDO JUNIOR

Ilustração
MATEUS PINHEIRO DE LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Joel de Albuquerque Melo Neto CRB 15/320

C837i Souza, Ana Santana.
Teoria da literatura I / Ana Santana Souza, Ilane Ferreira
Cavalcante. Natal : IFRN, 2012.
Várias paginações : il. color.

ISBN 978-85-8333-032-5

1. Teoria da literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3.
Literatura – Conceito. I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 82.0

Apresentação e Objetivos

Olá, chegamos ao final da nossa disciplina. Esta é nossa última aula e ela vai discorrer sobre um aspecto fundamental do estudo da literatura: a intertextualidade. Você sabe o que é isso? E paródia ou paráfrase? Pois bem, esses recursos, que estabelecem uma espécie de diálogo entre os textos, são muito comuns na literatura e serão os temas desta nossa última aula. Nesse processo de diálogo, aliás, você vai perceber que os textos literários estabelecem correspondência não só com outros textos literários e não-literários, mas com outras linguagens, como a música, a pintura, a fotografia, o cinema.

Ao final desta aula você deverá:

- compreender o conceito de intertextualidade;
- conhecer os conceitos de bricolagem e citação;
- identificar as diferenças entre paródia e paráfrase;
- compreender as relações intersemióticas entre literatura e outras linguagens.



Para Começar

sou todos
os poetas que li
com a devida
ressalva
eles não sou eu
cadeira que ocupo
enquanto escrevo



Fig. 01 - Diva Cunha

Diva Cunha

A poetisa potiguar Diva Cunha trata, no poema que você acabou de ler, de um tema bastante comum entre os escritores, a questão da influência. Todos os escritores sempre são, *a priori*, leitores, isso significa que eles transpõem para a sua poesia muito do que leram, escritos de outros autores. Mas Diva faz uma ressalva, ela não copia aqueles que leu, ela ocupa o seu próprio espaço, a sua cadeira. Assim, tudo o que ela leu pode estar presente de várias maneiras em seus textos, mas os seus textos traduzem essas leituras em um estilo que é seu, próprio.

Leituras, releituras, interpretações são os temas dessa nossa última aula. Vamos a ela!



1. Relações intersemióticas



Fig. 02 - intersemiose

Você já viu, na aula 12, como a literatura e a música estão relacionadas desde a sua origem. Mas a literatura também estabelece relações com outras linguagens além da música. Alguns recursos, como a metáfora e a metonímia, por exemplo, guardam estreita relação com a pintura ou com a fotografia. A essas correlações, feitas entre diversas linguagens, chamamos intersemiose. Você já leu, na aula sobre a semiótica, que ela estuda os signos e que todas as linguagens são constituídas por signos. Assim, a intersemiose seria o cruzamento, o diálogo entre essas diferentes linguagens.

A literatura e o cinema, por exemplo, podem dialogar de diversas formas, através da versão cinematográfica de uma obra escrita, através da utilização de personagens literários na criação de filmes, ou através de recursos mais sofisticados, que dizem respeito à estrutura da própria linguagem, como cortes, ou criação de cenas, na literatura, que remontam ao cinema. O poema Noturno, de Oswald de Andrade, é um exemplo de um uso cinematográfico da linguagem. Leia o poema:

Noturno

Lá fora o luar continua

E o trem divide o Brasil

Como um meridiano

Oswald de Andrade. (ANDRADE, 1967, p.25)



Fig. 03 - Trem de ferro

O poema representa uma imagem do trem que, em seu percurso, corta a paisagem em meridianos. Esse poema trabalha com elementos visuais (o trem, o luar, as formas geométricas) e traz uma noção de movimento, com a marcha do trem que divide a paisagem. É, evidentemente, um uso dos recursos **cubistas** , mas que remete também à linguagem cinematográfica.

Os cortes, a montagem do verso em elementos mínimos, retomam a estética das vanguardas europeias, mas, são, muitas vezes, utilizados a partir de recursos típicos da linguagem cinematográfica. Por enquanto, nos resta concluir que as artes modernas, tais como a fotografia e o cinema, trouxeram várias transformações que geraram novas técnicas e novas maneiras de representar o mundo. Walter Benjamin



Fig. 04 - Pintura cubista

Cubismo é um movimento de vanguarda do século XX cujo principal representante é o pintor Pablo Picasso. Sua estética parte da refração da imagem em planos e formas geométricas.

As vanguardas europeias foram uma série de movimentos estéticos e artísticos que renovaram o cenário da arte ocidental a partir das últimas décadas do século XX até a década de 1930, aproximadamente.

fala sobre isso em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1985), ao tratar do impacto que a fotografia trouxe para as artes visuais no século XIX, comenta sobre a relação entre a pintura (técnica de representação manual do mundo) e a fotografia (em que o olho da câmera se apropria da realidade):

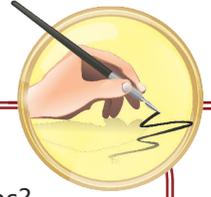
Pela primeira vez, no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral. (BENAJMIN, 1985, p.167)

O fato é que o pintor poderia demorar meses na elaboração de um retrato que as câmeras, mesmo as mais antigas e rudimentares, podiam fazer em questão de minutos e com muito mais proximidade em relação à realidade. O que seria da pintura a partir de então? O que seria da escultura, quando chegou a indústria? A arte foi obrigada a criar e recriar novas técnicas de representação, surgindo, a partir dessa crise inicial, uma série de técnicas ligadas ao impressionismo, expressionismo, surrealismo, ou seja, às **vanguardas europeias**.

Nesse momento, você já observou que a relação entre a literatura e as demais artes é bastante interessante e gera influências mútuas, não é mesmo? Essas múltiplas influências ocorrem também numa espécie de diálogo, isto é, quando uma arte cita a outra, ou faz referência. Sobre esse diálogo, vamos tratar na segunda parte desta aula. Mas, por enquanto, dê uma paradinha e faça um pequeno exercício de retomada dos conteúdos discutidos até aqui.



Fig. 05 - Exemplos de pinturas das vanguardas



1. O que é semiótica e como se estabelecem as relações intersemióticas?

2. Qual o impacto da fotografia sobre a pintura?

3. Que relações, além das mencionadas na aula, você conseguiria perceber entre o cinema e a literatura?

4. O que as vanguardas europeias trazem para a arte?

2. Citação e intertextualidade



Fig. 06 - Mona Lisa de Leonardo da Vinci

Em geral, quando falamos em diálogo entre as artes, estamos mencionando um diálogo entre linguagens. Pois cada arte tem a sua linguagem própria. A pintura são cores e linhas; a escultura, formas no espaço; o cinema a imagens em movimentos organizadas e montadas a partir de uma organização feita pelo autor, o cineasta.

Uma das relações entre literatura e cinema, por exemplo, se dá na própria estrutura da linguagem. O uso da montagem, que é um recurso da linguagem cinematográfica, também é possível na fotografia, na pintura e na literatura.



Fig. 07 - Mona Lisa de Botero



Fig. 08 - Mônica Mona Lisa

Na literatura, esse recurso também pode ser chamado de *bricolage*, conceito importado da antropologia de Lévi Strauss (no livro *O pensamento selvagem* (1962), ao tratar do pensamento mitológico como algo que, trocando em miúdos, retoma e reorganiza em discurso uma série de experiências), e retomado por Compagnon em *O trabalho da citação* (2007). A bricolagem, como brincadeira de recorte e colagem, é a reunião, em algo novo, único, do recorte

de diversos textos anteriores, deslocados do original e recriados em novo contexto. Novamente, podemos recorrer a Oswald de Andrade, na literatura brasileira como exemplo. Leia o poema a seguir:

As meninas da gare

Eram três ou quatro moças
bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha

Oswald de Andrade

ANDRADE, Oswald. *As meninas da gare*. Disponível em <http://literaturaartepura.blogspot.com/2008/02/as-meninas-da-gare-oswald-de-andrade.html> Acesso em 27 de fev. 2012.

O texto todo do poema nada mais é do que o recorte, em versos, de um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel, de Portugal, quando do descobrimento do Brasil. Leia um trecho da carta:



Fig. 09 - Indígenas

“Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.”

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta do Descobrimento. Disponível em: http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/DescobriBarroco/Pero_Vaz_de_Caminha.htm. Acesso em 24 de fev. 2012.

Poderíamos dizer que Oswald de Andrade citou a carta de Caminha, mas ele não apenas a citou, porque a citação precisa respeitar não só a linguagem do original, mas o sentido proposto e a forma, no caso, um texto em prosa. Afinal, a citação é, em geral, um recurso a que recorremos quando queremos dar mais credibilidade aos nossos textos acadêmicos ou quando queremos ilustrar um texto qualquer. Também não podemos dizer que foi um plágio, porque, embora não tenha citado o autor do texto original, o livro onde Oswald publica o seu poema chama-se *Pau Brasil* e faz



Fig. 10 - Mulheres de Picasso

parte de uma proposta de retomada de textos canônicos da história do Brasil que, ao serem citados, sofrem uma alteração que os subverte ou atualiza. O plágio seria a simples apropriação do texto de outrem, que não é o que ele faz, pois ele recorta e reorganiza. Transforma a prosa em verso, a carta em poema.

Você percebe como Oswald atualizou a carta? Ao imprimir ao trecho um título como *As meninas da gare*, ele atualiza. A gare nada mais é que uma estação de trem, coisa que definitivamente é própria de um mundo urbano e não do mundo selvagem a que Caminha se referia na carta. As meninas da gare, portanto, são jovens urbanas que aparentam estar tão nuas, para o olhar moderno de Oswald de Andrade, quanto as indígenas descritas por Caminha no século XVI. Assim, a apropriação que o poeta modernista faz do texto do cronista do século XVI gera uma multiplicidade de interpretações que o caracterizam como algo único, criado a partir do recorte e da montagem, da recriação de texto anterior. Vamos falar mais sobre isso ao tratarmos sobre paródia e paráfrase.

A bricolagem é uma forma de citação e não é um recurso exclusivo dos poetas, ou dos escritores em geral, mas de todos aqueles que produzem textos. A criação se faz, sempre, a partir das leituras feitas por outros, como afirma Diva Cunha no poema que introduz esta aula. Mas essa criação gera algo novo, ou seja, não é apenas reproduzir a linguagem do anterior, isto seria plágio, é criar a partir dela. Compagnon afirma:

Escrever, pois, é sempre reescrever, não difere de citar. A citação, graças à confusão metonímica que a preside, é leitura e escrita, une o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação. (2007, p. 41)

Para ele, portanto, o ato de escrever é intrinsecamente ligado ao ato de ler, posto que se constrói a partir da citação das leituras feitas. Citação que pode ocorrer das mais diversas formas, mas que é sempre feita de forma honesta, ou seja, deixando ver ao leitor a fonte de onde surgem aquelas ideias, seja para reiterá-las, combatê-las, subvertê-las seja para ir além delas. Obviamente, para compreender a citação, o plágio ou a bricolagem, o leitor precisa conhecer o texto original, senão, ele não consegue apreender o sentido do que lhe é proposto pelo novo texto. Estabelece-se, aí, uma cumplicidade entre escritor e leitor.

Veja os dois textos abaixo:

Nel mezzo del cammin di nostra vita
mi ritrovai per una selva oscura
ché la diritta via era smarrita.

ALIGHIERI, Dante. Canto I. **Inferno**. Disponível em:

<http://www.greatdante.net/texts/commedia/commedia.html> Acesso em 26 de fev. 2012.



Fig. 11 - Inferno de Gustavo Doré

“Nel mezzo del camin....”

Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

BILAC, Olavo. Nel mezzo Del camin...

Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/bilac2.html> Acesso em 26 de fev. 2012.

Observe que o primeiro texto, escrito em italiano, é a primeira estrofe do Canto I do livro *Inferno* que faz parte da trilogia do escritor italiano, Dante Alighieri, intitulada *A divina comédia*. O segundo texto é a primeira estrofe de um soneto do poeta brasileiro Olavo Bilac. Bilac faz uma citação a Dante, e, apropria-se do primeiro verso do poema. De certa forma, ele indica ao leitor essa citação através do uso das aspas, no título, e das reticências. Ele nem precisaria fazer isso, porque o próprio uso do trecho em italiano já deveria indicar, ao leitor, tratar-se de uma expressão de outrem, fosse de outro autor ou mesmo uma expressão idiomática. Para reconhecer de quem é a citação, no entanto, caberia ao leitor investigar, caso ele não conhecesse o original.

O diálogo entre os textos, que ocorre no processo de citação ou no de bricolagem, pode ser interpretado a partir de um conceito bem amplo, conhecido como **intertextualidade**. A intertextualidade, como o próprio nome parece nos indicar, é o diálogo estabelecido entre os textos. Um texto remete sempre a outro texto, de forma mais explícita ou não. Essa inserção de trechos de um texto em outro texto também ocorre em várias linguagens, no cinema, por exemplo, você já deve ter ouvido falar em *Shrek*, não é mesmo? O que essa animação infantil faz é retomar uma série de padrões da estrutura dos contos de fada tradicionais e subverter. Você percebe que ele está citando, aludindo, colando trechos e personagens de contos bastante conhecidos e criando um texto novo, único. Diferente, não é?



Fig. 12 - Shrek

O que podemos perceber, é que a intertextualidade pode ocorrer de diferentes formas. Pode ser um recorte de pedaços de textos diferentes, reconstruídos em algo novo, de forma a gerar outros sentidos. Pode ser a citação a um texto conhecido, de forma a ilustrar outro texto, por exemplo, como o faz Olavo Bilac, no exemplo acima. Pode ser a retomada de um texto anterior para reafirmar os sentidos daquele texto ou para subverter, em vários níveis, o seu sentido. Nesses casos, lidamos com dois outros conceitos bastante interessantes, o de **paráfrase** e o de **paródia**.

A paródia existe desde sempre e foi mencionada por Aristóteles em sua *Poética*, quando menciona o escritor Hegemon de Thaso (séc. 5 a.C.) que utilizou o estilo épico para representar homens inferiores, não os superiores, como seria comum. O termo paródia, aliás, tem origem grega com o sentido de para – ode. Ou seja, de ode paralela. A ode é uma forma poética elaborada para ser cantada. Assim, surge a definição de para ode como uma ode para ser cantada paralelamente, ou seja, de canto paralelo. Bem, o que ocorre é que a paródia é um texto em que se identifica tanto o texto original a que ele recorre, como o próprio texto novo, que cria sentidos diferentes que, em geral, subvertem o texto original. Leia os poemas a seguir:

O 'adeus' de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,	... Mas um dia volvi aos lares meus.
Como as plantas que arrasta a correnteza,	Partindo eu disse _ 'Voltarei!... descansa!...'
A valsa nos levou nos giros seus...	Ela, chorando mais que uma criança,
E amamos juntos... E depois na sala	
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala...	Ela em soluços murmurou-me: 'adeus!'
E ela, corando, murmurou-me: 'adeus'.	Quando voltei... era o palácio em festa!...
	E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...	Preenchiam de amor o azul dos céus.
E da alcova saía um cavaleiro	Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Inda beijando uma mulher sem véus...	Foi a última vez que eu vi Teresa!...
Era eu... Era a pálida Teresa!	
'Adeus' lhe disse conservando-a presa...	E ela arquejando murmurou-me: 'adeus!'
E ela entre beijos murmurou-me: 'adeus!'	
Passaram-se tempos... sec'los de delírio	
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...	



Fig. 13 - Tereza

Castro Alves.
ALVES, Castro. O "adeus" de Tereza. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/calves05.html> Acesso em 26 de fev. 2012.

Tereza

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna
Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo
nascesse)
Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

Manuel Bandeira.

BANDEIRA, Manuel. *Tereza*. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/manuelbandeira01.html> Acesso em 26 de fev. 2012.

Observe como o texto de Castro Alves é organizado em versos regulares, em uma forma fixa, quintilhas de versos decassílabos entremeadas de um verso solto que vai, ao longo do poema reiterando a mudança dos sentimentos de Tereza pelo poeta que fala. O poema fala sobre uma frustração amorosa e se apresenta cheio de sentimentos românticos, típicos do período literário a que o poeta pertence.

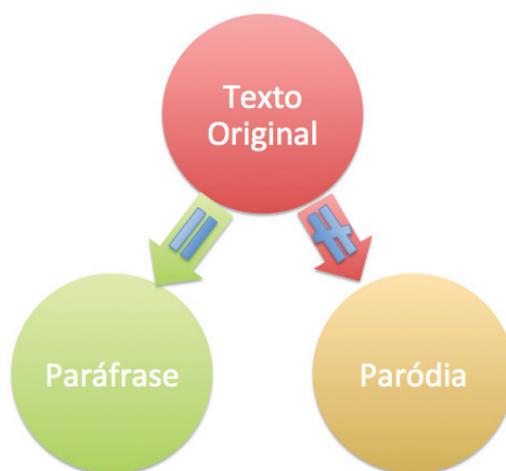


Fig. 14 - Mulher com pássaro

No poema de Manuel Bandeira, observa-se a nítida citação a Castro Alves, pois ele remete a uma sucessão de encontros com a sua Tereza, da mesma forma que o poeta romântico. Mas, para o modernista Bandeira, os encontros são muito mais casuais e menos eivados de sentimento. O primeiro encontro, para ele, não representa o ideal de amor à primeira vista, como no poema de Castro Alves. Para Bandeira, o primeiro encontro foi apenas um encontro, ele nem chegou a admirar Tereza, muito pelo contrário, achou que ela “tinha pernas estúpidas”. Enquanto no poeta romântico, há uma despedida, feita pelo próprio eu lírico, que o separa da amada com choros e lamentações, no poema de Bandeira não se faz alusão a despedidas, mas a encontros. Na segunda vez em que ele vê Tereza, atenta para seus olhos, um detalhe significativo de sua fisionomia que dá a Tereza um ar de maturidade que, de certa forma, começa a encantar o poeta. O amor por Tereza só nasce a partir do terceiro encontro, quando ele nada mais vê, só sente, quase como uma experiência de criação: o espírito de Deus caminhando sobre a Terra.

Assim, no poema original, que soa ao longo de todo o poema de Bandeira, a trajetória é de desilusão e no de Bandeira, de enamoramento. Já há subversão nesse aspecto, mas ela é reforçada ainda mais quando Bandeira opta por ser mais sintético, menos idealista e mais irônico que Castro Alves e na própria estrutura, ao optar por versos livres, ao invés dos decassílabos do original. O poema de Bandeira é, portanto, um exemplo claro de paródia.

A paródia sempre subverte o sentido do original; a paráfrase, por sua vez, retoma para reforçar os sentidos do original. Isso significa dizer que, enquanto a paródia parte do texto original para diferenciar o sentido, a paráfrase objetiva reforçar o sentido original, alterando o texto. Representando visualmente a diferença entre paródia e paráfrase, podemos elaborar a seguinte imagem:



Paródia e Paráfrase

Fonte: elaborado para esta aula pelo autor.

Observe que tanto a paródia quanto a paráfrase remetem ao texto original, mas uma reforça, ou seja, traz um sentido semelhante ao original, enquanto a outra subverte, ou seja, traz sentidos diferentes do original.

Leia o texto do poeta romântico Gonçalves Dias que, com certeza, você já conhece:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.



Fig. 15 - Bandeira do Brasil

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.



Fig. 16 - Bandeira Pau Brasil

Gonçalves Dias

DIAS, Gonçalves. *Canção do exílio*. Disponível em: <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/gdias.html> Acesso em 26 de fev. 2012.

Agora veja um trechinho do nosso Hino nacional, cuja letra é de Osório Duque Estrada:

Deitado eternamente em berço
esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu
profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da
América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra, mais garrida,
Teus risinhos, lindos campos têm
mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais
amores."

ESTRADA, Osório Duque. Hino Nacional. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/hino.htm
Acesso em 26 de fev. 2012.

Percebeu que há uma retomada dos versos de Gonçalves Dias? É uma citação, mas o objetivo é parafrásico, visto que deseja reforçar a beleza e a grandeza da própria terra, como o original. Veja também o poema de Carlos Drummond de Andrade, a seguir:

Nova Canção do Exílio

Um sabiá na
palmeira, longe.
Estas aves cantam
um outro canto.
O céu cintila
sobre flores úmidas.
Vozes na mata,
e o maior amor.
Só, na noite,
seria feliz:
um sabiá,
na palmeira, longe.
Onde tudo é belo

e fantástico,
só, na noite,
seria feliz.
(Um sabiá,
na palmeira, longe.)
Ainda um grito de vida e
voltar
para onde tudo é belo
e fantástico:
a palmeira, o sabiá,
o longe.

Carlos Drummond de Andrade
DE ANDRADE, Carlos Drummond. *Nova canção do exílio*. Disponível em:
http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/exilio/index07.html Acesso em 26 de fev.
2012.

Perceba que, apesar de não utilizar o mesmo texto original, apesar de não seguir a mesma estrutura do original, o objetivo de Drummond, no seu poema, não é subverter, alterar o original, mas reforçar. Ele também sente, em face da distância da terra natal, o desejo de vê-la. Ele também a considera a mais bela, exatamente como Gonçalves Dias. Esse conjunto de textos são paráfrases mais ou menos criativas a partir de um original, o poema *A canção do exílio*, que se diz ser o poema mais citado e recriado da literatura brasileira.

Bem, nossa aula e nossa disciplina ficam por aqui, mas você deve continuar lendo, estudando, enfim, vivendo poesia. A disciplina é apenas mais uma porta que se abre para um universo imenso que é o conhecimento sobre a literatura. Agora, dê mais uma paradinha, e ponha em prática o que você aprendeu.



Mãos à obra

1. Leia os textos abaixo e indique, justificando sua resposta a partir da estrutura e do tema do poema, se os textos apresentam apenas uma citação ou se é uma bricolagem:

TEXTO 1 **Maturidade**

O Sr. e a Sra. Amadeu
Participam a V. Ex.a
O feliz nascimento
De sua filha
Gilberta

Oswald de Andrade
(ANDRADE, 1967, p.32)

TEXTO 2 **O anel de vidro**

Aquele pequenino anel que tu me deste,
– Ai de mim – era vidro e logo se quebrou ...
Assim também o eterno amor que prometeste,
– Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.

Frágil penhor que foi do amor que me tiveste,
Símbolo da afeição que o tempo aniquilou,
– Aquele pequenino anel que tu me deste,
– Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...



Fig. 17 - Brincadeira de roda

Não me turbou, porém, o despeito que investe
Gritando maldições contra aquilo que amou.
De ti conservo no peito a saudade celeste...
Como também guardei o pó que me ficou
Daquele pequenino anel que tu me deste...

Manuel Bandeira

BANDEIRA, Manuel. *O anel de vidro*.

Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/manuelbandeira01.html#belo2> Acesso em 27 de fev. 2012.

2. Leia os textos abaixo e indique se ocorre paródia ou paráfrase, justificando a sua resposta a partir da própria estrutura e temática dos textos.

TEXTO 1

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.
O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é serio, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.
Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.



Fig. 18 - Estátua de Carlos Drummond de Andrade

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Carlos Drummond de Andrade

DE ANDRADE, Carlos Drummond. *Poema de sete faces*.

Disponível em: http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/p/poema_de_sete_faces Acesso em 26 de fev. 2012.

TEXTO 2

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável.
Eu sou.



Fig. 19 - Adélia Prado

PRADO, Adélia. *Com licença poética*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/com-licenca-poetica-de-adelia-prado/> Acesso em: 26 de fev. 2012.

Já sei!



Nesta aula, você estudou as relações de diálogo que se estabelecem entre diversas artes, ou linguagens, como literatura, pintura, cinema. A essas relações, como você viu, chamam de intersemióticas. Dentre essas relações, você conheceu o conceito de bricolagem, que é uma apropriação criativa de textos das mais diversa naturezas, assim como o conceito amplo de intertextualidade, que implica no diálogo entre os textos. A partir do conceito de intertextualidade, você conheceu também os conceitos de citação, de paródia e de paráfrase.

Um passo a mais



Para conhecer mais acerca de intertextualidade, paródia e paráfrase, leia o livro de Affonso Romano de Sant'Anna.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 1985.

Autoavaliação



1. Pesquise mais textos que façam referência ao poema Canção do Exílio, de Gonçalves Dias e verifique se eles são citações, bricolagens, paráfrases ou paródias. Só para iniciar o seu trabalho, eu indico os dois textos a seguir.

Canção do exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,

os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernalongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.



Fig. 20 - Quadro O pescador, de Tarsila do Amaral

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Murilo Mendes

MENDES, Murilo. Canção do exílio. Disponível em <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/murilo1.html> Acesso em 27 de fev. 2012.

Sabiá

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá
Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra
De um palmeira
Que já não há
Colher a flor
Que já não dá
E algum amor
Talvez possa espantar
As noites que eu não queria
E anunciar o dia
Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Não vai ser em vão
Que fiz tantos planos
De me enganar
Como fiz enganar
De me encontrar
Como fiz estradas



Fig. 21 - Sabiá

De me perder
Fiz de tudo e nada
De te esquecer
Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
E é pra ficar
Sei que o amor existe
Não sou mais triste
E a nova vida já vai chegar
E a solidão vai se acabar
E a solidão vai se acabar

Chico Buarque

BUARQUE, Chico. *Sabiá*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/86043/> Acesso em 27 de fev. 2012.



ALIGHIERI, Dante. Canto I. **Inferno**. Disponível em: <http://www.greatdante.net/texts/commedia/commedia.html> Acesso em 26 de fev. 2012.

ALVES, Castro. **O “adeus” de Tereza**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/calves05.html> Acesso em 26 de fev. 2012

ANDRADE, Oswald. **Trechos escolhidos**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

ANDRADE, Oswald. **As meninas da gare**. Disponível em <http://literaturaartepura.blogspot.com/2008/02/as-meninas-da-gare-oswald-de-andrade.html> Acesso em 27 de fev. 2012.

BANDEIRA, Manuel. **O anel de vidro**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/manuelbandeira01.html#belo2> Acesso em 27 de fev. 2012.

_____. **Tereza**. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/manuelbandeira01.html> Acesso em 26 de fev. 2012.

BENJAMIN. Walter. **Magia, técnica, arte e política**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BILAC, Olavo. **Nel mezzo Del camin...** Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/bilac2.html> Acesso em 26 de fev. 2012.

BUARQUE, Chico. **Sabiá**. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/86043/> Acesso em 27 de fev. 2012.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta do Descobrimento**. Disponível em: http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/DescobriBarroco/Pero_Vaz_de_Caminha.htm. Acesso em 24 de fev. 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CUNHA, Diva. **Canto de página**. Natal: Clima, 1986.

DE ANDRADE, Carlos Drummond. **Poema de sete faces**. Disponível em: http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/p/poema_de_sete_faces Acesso em 26 de fev. 2012.

_____. **Nova canção do exílio**. Disponível em: http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/exilio/index07.html Acesso em 26 de fev. 2012.

DIAS, Gonçalves. **Canção do exílio**. Disponível em: <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/gdias.html> Acesso em 26 de fev. 2012.

ESTRADA, Osório Duque. **Hino Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/hino.htm Acesso em 26 de fev. 2012.

MENDES, Murilo. **Canção do exílio**. Disponível em <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/murilo1.html> Acesso em 27 de fev. 2012.

PRADO, Adélia. **Com licença poética**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/com-licenca-poetica-de-adelia-prado/> Acesso em: 26 de fev. 2012.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 1985.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://www.substantivoplural.com.br/universalismo-x-regionalismo-na-literatura-potiguar/>

Fig. 02 - <http://www.gigacursos.com/blog/2010/10/vetor-logotipo-logomarca-musico-musica-arte-banda-vetorizado-corel-draw/>

- <http://planetadasestorias.blogspot.com.br/>

Fig. 03 - http://www.geocities.ws/carrossel_de_poesias2/tremferro.htm

Fig. 04 - <http://equipemanaca.blogspot.com/2009/07/vanguardas-europeias.html>

Fig. 05 - <http://vestibularliteraturaprofjack.blogspot.com/2009/12/vanguardas-europeias-futurismo-1909.html>

Fig. 06 - <http://www.brasilecola.com/redacao/intertextualidade.htm>

Fig. 07 - <http://blogdavivnogestar.blogspot.com/2009/10/oficina-x-intertextualidade.html>

Fig. 08 - <http://drikamil-adriana.blogspot.com/>

Fig. 09 - <http://grupog23.blogspot.com.br/2009/08/nova-tese-tinham-alma-as-indias.html>

Fig. 10 - <http://historianovest.blogspot.com.br/2009/07/as-mulheres-de-picasso.html>

Fig. 11 - http://it.wikipedia.org/wiki/Inferno_-_Canto_primo

Fig. 12 - http://leopostagens.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html

Fig. 13 - <http://colegioativoliterativo.blogspot.com/2012/02/olhares-sobre-castro-alves-vi-o-adeus.html>

Fig. 14 - <http://todaoferta.uol.com.br/comprar/pintura-mulher-com-passaro-9DB3JZIELY>

Fig. 15 - <http://1imagens.com/bandeira-do-brasil>

Fig. 16 - http://eduebrasil.blogspot.com/2011/10/semana-de-arte-moderna-o-brasil-antes-e_6433.html

Fig. 17 - <http://gabrielmgoulart.blogspot.com.br/>

Fig. 18 - <http://pensamentosdasil.blogspot.com/2009/10/poema-de-sete-faces.html>

Fig. 19 - <http://literaturaemcontagotas.wordpress.com/2011/12/09/adelia-prado/>

Fig. 20 - <http://equipebellepoque.blogspot.com/2010/09/cancao-do-exilio.html>

Fig. 21 - <http://www.amigobichopet.com/aves/sabia.html>